

os subterrâneos da liberdade
volume 3. a luz no túnel

JORGE AMADO



Posfácio de Daniel Aarão Reis



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Grapiúna Produções Artísticas Ltda.
12 edição, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1954

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Consultoria da coleção Ilana Seltzer Goldstein

Projeto gráfico Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Pesquisa iconográfica do encarte Bete Capinan

Imagens de capa © <completar>/ <completar> (capa); © Luiza Chiodi/ Companhia Fabril Mascarenhas (chita); © <completar> (orelha).
Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Cronologia Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Assistência editorial Cristina Yamazaki

Preparação Cacilda Guerra

Revisão Adriana Cristina Bairrada e Marise S. Leal

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.
A luz no túnel / Jorge Amado ; posfácio de Daniel Aarão Reis.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1980-6

1. Ficção brasileira I. Reis, Daniel Aarão II. Título.

11-10334

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

Diagramação Spress

Papel Pólen Soft

Impressão RR Donnelley

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br



CAPÍTULO PRIMEIRO

1

DO AUTOMÓVEL, SENTADO ENTRE DOIS

TIRAS, CARLOS OLHOU A RUA como a despedir-se. Numa artéria próxima, ele habitara criança, e, de súbito, memórias infantis o invadiram. O pai cantava trechos de óperas italianas, possuíam um velho gramofone onde tocavam discos de Caruso. Certa vez, numa das suas correrias de menino endiabrado, derrubara e partira um daqueles discos: o pai entrara em cólera e fora necessário que Carlos se acolhesse nas largas saias da mãe para escapar ao castigo. A mãe era uma negra toda feita de carinho e alegria, gordona e calma, a contrastar com o marido, italiano magro e nervoso, a contrastarem até na música que cantavam, pois a mãe era inteiramente dos cocos e cateretês, dos sambas de roda. Ela desejava vender o antiquado gramofone sem idade para comprar um pequeno aparelho de rádio, mas o pai se opunha, onde ouvir os seus discos de Caruso? A mãe não insistia, vivia numa apaixonada contemplação do marido e do filho, desse filho que era uma perfeita mistura dos dois: inventivo e nervoso como o pai, afável e risonho como a mãe. O velho Orestes aparecia, em certos domingos, para almoçar e discutir política. O pai era famoso pelas macarronadas, mas o ex-anarquista, talvez para espicaçá-lo, elogiava de preferência as apimentadas comidas afro-brasileiras cozinhadas pela mãe. Tinha sido o velho Orestes quem guiara os primeiros passos de Carlos no caminho da luta revolucionária.

“Quem poderia tê-lo entregado?”, perguntava-se ele, no automóvel, fugindo às recordações da infância, despertadas pela sua entrevista. Muita gente o conhecia, sem dúvida, era um dos elementos da direção regional mais em contato com as bases do Partido, porém muito poucos sabiam onde ele morava. E, no entanto, a polícia batera lá, num desparrame de forças, cercando a rua, pondo os vizinhos em polvorosa. Os investigadores estavam perfeitamente informados: não só da casa, mas dos seus hábitos também. Será que o seguiam já há algum tempo sem que ele se desse conta? Não, ele costumava ser cauteloso, e não percebera nada de anormal nos últimos dias. Alguém o entregara. Quem teria sido?

Passava em revista, na memória, os companheiros conhecedores da sua moradia. Os membros do secretariado, Mariana, alguns poucos camaradas mais, todos eles seguros e de confiança. Não via entre esses quem pudesse ter falado. Ao demais, não sabia de prisões recentes, ainda na véspera reunira com os camaradas e estava tudo em ordem, as greves prosseguiram. Os grevistas presos não sabiam de sua existência. Quem podia ter sido? Teria entregado outros ou sabia apenas dele? Essa era uma questão primordial: a queda da direção naquele momento: a prisão de companheiros responsáveis representava um verdadeiro desastre. Logo quando eles começavam a colher os frutos do intenso trabalho desenvolvido naqueles meses. Quando a classe operária começava a se movimentar após o longo interregno de calmaria, que se seguira à sangrenta repressão da greve de Santos e das greves de solidariedade ao fracasso inicial da greve da Paulista. Custara tanto esforço, um miúdo trabalho cotidiano, levantar outra vez a combatividade abalada da massa, tinham sabido aproveitar a folga devida ao golpe integralista, o Partido crescera nas empresas. Alguns quadros novos tinham surgido, cheios de futuro. E, agora, tudo isso estava ameaçado... Se unicamente ele tivesse sido entregue, então não era tão grave, um outro ocuparia o seu lugar e tudo continuaria a marchar. Nesse caso só havia um problema: manter-se calado, suportar tudo que lhe fizessem. Mas se tivessem caído também João e Zé Pedro, certos companheiros responsáveis por zonas e células fundamentais, então a coisa era bem mais séria, era um golpe sério... Todo o trabalho podia ressentir-se, inclusive o próprio movimento grevista.

Como, diabo, a polícia pudera dar com sua pista? Até onde sabia sobre ele, sobre a organização? O melhor era manter-se num silêncio completo; pelo jeito dos tiros ao prenderem-no, pelo número de autos e de policiais esparramados pela rua, por algumas palavras pronunciadas, compreendia estar a polícia bem resenhada sobre ele, sobre sua atividade partidária. Não era como daquela vez quando fora preso no Rio, por acaso. Pudera então inventar uma história complicada, montada em todas as suas peças, e nela pôde persistir até o fim, terminando por convencer o delegado. Levou uma surra pavorosa, ao ser preso, mas, como mantivera a sua história atrapalhada, e como a polícia não tinha nenhum dado concreto sobre ele, terminaram por soltá-lo algum tempo depois. Agora, era diferente. Devia manter-se calado, recusar-se a responder. E preparar-se para aguentar uns maus pedaços. Para aguentar calado.

O automóvel parou em frente do edifício da central de polícia.

Um tira abriu a portinhola, saltou, ficou esperando no passeio. O outro o empurrou:

— Vamos...

Pelo vidro, Carlos olhou a praça. Algumas pessoas passavam fitando curiosamente o automóvel. Saltou gritando:

— Estão me prendendo porque luto pelo povo, contra esse governo...

Os populares olhavam surpresos, mas não ouviram o resto da frase: os investigadores tomaram o rapaz pelos braços, ele resistiu tentando desprender-se, outros tiras apareceram, um deu-lhe um soco na nuca, fizeram-no atravessar a porta. Ouviu ainda um policial gritando para os passantes:

— Sumam daqui!

Um dos investigadores torcia-lhe o braço desde a rua. Doía terrivelmente, mas Carlos nada dizia. Assim meteram-no no elevador, outro tira ameaçava:

— Lá em cima vamos lhe mostrar o que é bom.

Havia um longo corredor, lá em cima, repleto de policiais a fumar, a conversar, a rir. O que lhe torcia o braço soltou-o, empurrando-o para o meio dos investigadores, ao mesmo tempo que avisara aos outros:

— É o Carlos. Quis fazer discurso, na porta, esse cachorro...

Batiam-lhe de todos os lados, socos no rosto, no peito, nas costas, recebeu violento pontapé na perna. Assim atravessou o corredor até a porta do gabinete de Barros. Jogaram-no na antessala. O tira que lhe havia torcido o braço, ria:

— Isso é um pano de amostra.

“Um sádico”, pensou Carlos. Um soco acertara-lhe na boca, machucara-lhe o lábio, ia ser uma dura temporada. Nada de inventar histórias desta vez, não daria resultado. Manter-se calado até que eles desistissem ou o matassem.

Barros apareceu na porta da antessala, sorrindo, a eterna ponta de cigarro colada ao beijo inferior:

— Entre, seu Carlos... Vamos conversar...

Um tira deu-lhe um empurrão:

— Depressa!

Dois investigadores entraram com ele. Um depositou sobre a mesa do delegado os materiais apreendidos em seu quarto: volantes, números da *Classe*, os originais de um artigo que ele estava escrevendo sobre o movimento grevista. O outro ficou encostado na porta, assobiava baixi-

nho. Barros desfez o embrulho de material, ao mesmo tempo que apontava uma cadeira a Carlos. Examinava os volantes, começou a ler as páginas escritas do artigo. Abanava a cabeça como a aplaudir as ideias expostas por Carlos, sobre como conduzir as greves:

— Um teórico, o rapaz. Muito bem... — Largava os papéis, sentava-se.

O investigador que trouxera o embrulho afastara-se para o vão de uma janela. Barros fitou o jovem, descansou os braços sobre a mesa:

— Vamos ver o que tem a nos contar, seu Carlos...

— Não tenho nada a contar.

— Não tem? Isso veremos... — a voz mole querendo ser irônica.

— Me deu trabalho descobrir quem estava por detrás desse nome de Carlos, seu Dário Malfati... Mas descobri... É sempre assim: o Barros termina sempre por descobrir os segredinhos... Por isso mesmo é melhor abrir o peito para o Barros, contar tudo, não querer esconder nada. De acordo?

Estava de bom humor e piscou o olho para o tira no vão da janela, e esse sorriu como a gozar a ironia do chefe. O que estava na porta parecia indiferente à cena, apenas deixara de assobiar.

— Que prefere: ditar o depoimento ou ser interrogado?

— Ditar.

— Muito bem. — Fez um gesto para o investigador encostado na porta. Um datilógrafo...

O tira saiu para voltar instantes depois acompanhado por um homem vestido de negro, magro e pequeno, um ar de rato esfomeado. Aproximaram uma mesinha com a máquina de escrever, o datilógrafo sentou-se em frente, meteu o papel:

— Pronto.

— Pode começar — Barros dirigia-se a Carlos. — Mas não venha para aqui inventar histórias como fez no Rio. Os colegas acreditaram, mas eu lhe aviso logo que sou muito incrédulo... — E ria outra vez, outra vez o tira que trouxera o pacote de material sorria numa aprovação.

Carlos voltou-se para o datilógrafo:

— Fui preso pela polícia do Rio, em 14 de janeiro de 1936. Fui solto em 25 de fevereiro do mesmo ano. Fui novamente preso pela polícia de São Paulo hoje, 28 de setembro de 1938.

Calou-se, como a esperar que o homenzinho magro terminasse de datilografar as frases ditadas. O ruído da máquina cessou e Carlos continuou calado. Barros o animou:

— Agora, o que você fez nesse meio-tempo... A historinha completa, com os nomes e os endereços.

— O que eu fiz nesse meio-tempo é aos senhores que compete descobrir. Os senhores é que são a polícia e não eu... Não digo mais nada além disso.

Barros levantou a mão de sobre a mesa, Carlos caiu da cadeira com o soco:

— O que, seu porcaria! Quer bancar o valente?

Levantava-se, circundava a escrivania, agarrava Carlos, ainda caído, pelo paletó, levantava-o do chão, trazia-o para junto de si, vibrava-lhe outro soco na boca, soltava-o. Carlos perdia o equilíbrio, sangrava no lábio, ia bater contra a parede. Os dois tiras tinham-se aproximado. O homenzinho magro, sentado diante da máquina, apagava com a borracha uma letra errada, voltava a escrevê-la como se nada sucedesse na sala.

Barros andou em direção a Carlos, os dois tiras também.

— Pensa que você não vai falar? Pois eu lhe digo que você vai contar tudo o que sabe, se não quiser deixar a pele aqui... — Batia como o punho fechado na palma da outra mão — Já vi outros valentes se borra-rem em minha frente...

A campainha do telefone ressoou, o homenzinho com cara de rato atendeu, escutou um instante:

— Está ocupado. — Do outro lado do fio insistiam. — Sim, muito ocupado.

Escutou ainda um pouco:

— Espere... — voltava-se para Barros. — É pro senhor, chefe. O Roberto chegou com os outros. Quer saber o que deve fazer com eles...

Barros sorriu, um sorriso vitorioso endereçado a Carlos:

— Desta vez vocês estão liquidados. Não tem valentia que adiante. Não vou deixar nem rastro de Partido em São Paulo.

Dirigiu-se ao telefone. “Quem teria entregue o Partido?”, interrogava-se Carlos, desencostando-se da parede. A boca doía-lhe, procurou um lenço para limpar o sangue. A acreditar em Barros, a polícia metera a mão sobre a organização. Que iria suceder ao movimento grevista?

Barros dava ordens no telefone. Um dos tiras, na sala, voltara a assobiar baixinho, o datilógrafo magro limpava as unhas com um palito. O lábio de Carlos estava partido, o sangue não cessava de brotar.

— Traga-os para a antessala, quero vê-los... — dizia Barros ao telefone, findando a conversa. Voltava-se para Carlos, outra vez. — Vou lhe

dar um prazo para você pensar. Aviso-lhe de uma coisa: se não quiser falar por bem, vai falar por mal. À noite, mando lhe buscar de novo... Se tem amor à pele, trate de refrescar a memória até a noite.

Dirigia-se depois aos investigadores:

— Levem esse palhaço daqui. Mas não misturem ele com os outros. É um dirigente, vocês sabem... Temos que tratá-lo como merece... Metam-no embaixo, sozinho...

Olhou para Carlos mais uma vez, como a medir sua capacidade de resistência, deu novas ordens:

— É melhor fichá-lo logo, tirar logo as fotografias. Pode ser que de noite a gente tenha que fazer algum trabalhinho nele, um tratamento de beleza... E eu preciso de fotografias para os jornais antes dele ser amassado.

— Tá bem, chefe.

Levaram Carlos. Ao atravessar a antessala o rapaz avistou o grupo recém-chegado de presos. Eram três camaradas de Santo André, um deles bastante responsável. Carlos passou como se não os conhecesse, os tiras o fitavam para ver se ele reagia. Barros também espiava, através da porta deixada aberta, e viu como um dos três presos, um homem idoso, quase inteiramente calvo, estremeceu ao enxergar o lábio sangrento de Carlos, as marcas dos socos no rosto.

2

QUANDO ZÉ PEDRO ACORDOU, COM AS REPETIDAS PANCADAS NA PORTA, já a criança despertara e começara a chorar. Tocou, de leve, no ombro de Josefa, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Zefa! Zefa!

Ela soergueu o busto, ainda meio adormecida:

— O que é?

Mas logo ouviu o choro do filho, afastou o lençol para levantar-se. Zé Pedro a prendeu por um braço, murmurou:

— A polícia está aí. Escute...

Uma pesada mão batia na porta, com força, Josefa exclamou, pondo a mão sobre a boca:

— Meu Deus!

— Escute... — disse Zé Pedro. — Pode ser que eles te levem, pode ser que não. É provável que não, por causa do menino. É para te usar como

pista para chegar até os outros. Ninguém deve vir aqui por esses dias. Eu tinha um encontro marcado para hoje, longe daqui. Quando eu não aparecer, os camaradas vão desconfiar que me sucedeu alguma coisa. O melhor é você não ir avisar a nenhum, diretamente. Se não lhe prenderem, fique em casa, não saia logo. Mais tarde, pegue o menino, leve pra casa de sua mãe, fique por lá. Não vá procurar os companheiros para não dar pista à polícia. Agora, vá lá dentro, pegue aquele embrulho de material, atire no poço, enquanto isso eu vou ganhar tempo com os tiras. Vá depressa.

Josefa saltou da cama, saiu correndo do quarto, descalça para não fazer barulho. Uns minutos depois dela ter partido, Zé Pedro levantou-se. As pancadas ameaçavam arrombar a porta, os vizinhos deviam estar acordados. Ouviu os passos de Josefa, voltando do quintal. Uma sorte, aquele profundo poço antigo, do tempo em que não havia água encanada. Pensara sempre nele como um bom local onde fazer desaparecer material se a polícia localizasse sua casa. Esperou que Josefa se aproximasse:

— Coragem! Cuide do menino — e andou para abrir a porta, onde agora batiam com qualquer instrumento de ferro.

A luz da madrugada entrou pela porta aberta. Josefa surgia no corredor com a criança nos braços. Os tiras haviam sacado dos revólveres:

— Entreguem-se, senão atiramos.

Barros se adiantou do automóvel onde ficara, atravessou entre os investigadores, reconheceu na fosca claridade do corredor o comunista:

— É ele mesmo. — Ordenava aos tiras: — Deem uma batida na casa, deve haver um bocado de coisa por aqui. Deve estar escondido, ele demorou demais a abrir...

Os policiais invadiram a casa, um deles afastara bruscamente Josefa do caminho, a criança começava a chorar. Barros interpelou a mulher:

— Filho, hein? — Voltava-se para Zé Pedro: — Quem foi que fez o filho? Você ou outro camarada? Porque entre vocês tudo é comum, é o comunismo, não é? As mulheres também devem ser...

Zé Pedro não respondeu. Barros riu da sua graça, os investigadores a seu lado riram também. Um deles disse:

— Essa vaca não encontra tempo nem para ir visitar a mãe. Quantas vezes não passei a tarde de plantão, perto da casa da família dela, para ver se aparecia... Há mais de um ano que ela não vai por lá.

Barros disse:

— Para ficar junto dele, do “companheiro”... Não era, beleza? Pra não dar pista à gente, não era? De que valeu? O Barros encontrou a

pista... — Dirigia-se a Zé Pedro: — Vá acabar de botar a roupa. Na central, a gente termina a conversa. Temos muito que conversar... — Ordenava a um tira: — Vá com ele, vasculhe o quarto.

Josefa apertava o filho contra o seio, afastava-se para Zé Pedro passar, ia segui-lo. Barros avisou-lhe:

— Você também vai conosco...

Ela perguntou:

— E o menino? Não posso largar ele sozinho.

Zé Pedro voltou-se:

— Ela não tem nada a ver com tudo isso. Quando casou comigo nem sabia quem eu era. Nunca se meteu em nada.

— Vá se preparar depressa, não estou lhe perguntando o que devo fazer...

O tira os acompanhou, revolveu o quarto enquanto Zé Pedro se vestia vagarosamente e Josefa reunia os trapos da criança. O colchão foi atirado fora da cama, o improvisado berço do menino — construído pelo próprio Zé Pedro com tábuas de caixão — esvaziado.

— Por aqui não há nada... — murmurou o investigador, saindo para avisar a Barros.

— Ouça — disse Zé Pedro a Josefa aproveitando o momento quando estavam a sós — tu não sabes de nada, nenhuma pessoa vinha aqui, eu é que saía todos os dias. Nenhuma pessoa, entende? Mesmo que te matem.

— E o menino? — perguntou ela, estremecendo.

— Nele, acho que não fazem nada. Mas... — E desviou os olhos porque os sentiu tristes — ... mesmo que matem o menino, você não sabe de nada. Coragem, Zefa!

Já o investigador retornava:

— Vamos... Tanto tempo para enfiar um paletó, até parecem grã-finos da avenida Paulista...

Esperaram no corredor a volta de Barros. O delegado revistava a casa, parecia-lhe incrível não terem os seus homens encontrado nenhum material, além de uns quantos livros metidos num caixão, na sala. Andara também pelo quintal, numa nesga de terra onde cresciam uns pés de mamão e uma raquítica goiabeira. Explicou a alguns dos seus homens:

— Vocês vão ficar aqui, na casa. Agarre quem aparecer. E deem uma nova busca, vejam se não encontram algum esconderijo, esse tipo é muito sabido, ele deve ter escondido o material em qualquer parte. Mais tarde, mando outros para substituir vocês.